

A Comunicação Pedagógica e a virtualidade em ambientes de aprendizagem

Samira Fayez Kfour¹ - Unopar e Uel

Elisa Maria Assis²-Unopar

RESUMO: O objetivo desta investigação foi analisar e avaliar como e com quais características a comunicação pedagógica apresenta-se nos Ambiente Virtuais de aprendizagem, enquanto categoria educacional e comunicativa, baseada numa perspectiva interativa, colaborativa e social. Este estudo foi o resultado de análise através da metodologia da pesquisa, de natureza qualitativa, num percurso em que se procura analisar o fenômeno das TIC e sua relação com a Comunicação Pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem em cursos de graduação. Percebeu-se uma fragilidade nos debates, cuja ênfase ainda é de cunho quantitativo e não qualitativo quanto ao alcance e na utilização das mesmas.

Palavras-chave: Comunicação Pedagógica; Tecnologias da Informação e da Comunicação; Educação

Ao analisar um processo educacional, seja ele de que ambiente for faz-se necessário situar historicamente o processo que o criou e desvele seus ranços para a promoção de seus avanços.

Vem do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) uma das referências mais fortes em relação ao risco da comunicação pedagógica, que é aquele associado ao conceito de violência simbólica: “A força e a estrutura das ações de violência simbólica vão definir o poder arbitrário e o arbitrário cultural, além das condições de reprodução e conservação das estruturas sociais” (Bourdieu, 2007, p. 32). Para Bourdieu, toda ação é

¹ Docente da Universidade Norte do Paraná e da Universidade Estadual de Londrina; mestre em Educação pela Unesp/Marília e doutora em Comunicação Social pela UMESP/SBC/SP

² Pró-reitora EAD da Universidade Norte do Paraná; Mestre em Tecnologias de EAD pela UFC/UNOPAR

objetivamente uma violência simbólica, enquanto imposição de um arbitrário cultural pelo poder arbitrário. Assim, pela relação de força, a violência é exercida pelo processo da comunicação pedagógica e pelo discurso de inculcação, que se posicionam como dominantes quando um material simbólico escolhido pelo professor de forma arbitrária afeta a ação pedagógica.

Em obra mais recente, sobre a teoria da ação, Bourdieu (2007, p. 53-54) propõe o que chamou de ginástica intelectual e aponta questões importantes que podem ser usadas nessa reflexão sobre o papel comunicativo na escola, nos campos da produção cultural. Em lugar de receitas, deveria ser proposta aos envolvidos a busca de caminhos, dos “espaços possíveis”, que “tende a orientar a sua busca” para redefinição do universo de problemas, de referenciais de marcas intelectuais.

Todavia, o que passa a ser praticado pelos agentes transmissores são ritos de instituição, conforme analisam aqueles que sofreram o rito e aqueles que não sofreram. No caso da escola, mais especificamente, no uso de Tecnologias neste espaço e em suas atividades, e mesmo com este avanço tecnológico incontestável, o sistema tem contribuído de forma determinante na produção e reprodução de métodos e técnicas de ensino, ou seja, impõe e inculca todos os princípios e, pelos fundamentos da eficácia simbólica de todos os ritos institucionais que operam no funcionamento do sistema ao escolar, acaba por consagrar receitas e modelos.

Se o que vamos descrever como um *mecanismo*, por imposição da comunicação, é vivido, às vezes, como uma espécie de *máquina infernal* (falamos muito do “inferno do sucesso”), como uma engrenagem trágica, exterior e superior aos agentes, é porque cada um dos agentes, para existir, é de certa forma estrangido a participar de um jogo que lhe impõe esforços e sacrifícios imensos. [...] No Japão, como na França, os pais extenuados, os jovens fatigados, os empregadores desiludidos com o produto de um ensino que acham mal adaptado, são as vítimas impotentes de um mecanismo que não é mais do que o efeito acumulado de suas estratégias engendradas e produzidas pela lógica da competição de todos contra todos. (BOURDIEU, 2007, p. 44-45, grifos do autor.)

A posição de Bourdieu, apesar de rigorosa, a partir do conceito de violência simbólica, abre a possibilidade de se enxergarem os princípios de construção do espaço comunicativo e os mecanismos de sua reprodução. Aprofundando as observações que o sociólogo levanta, percebe-se que elas indicam ainda a relação entre a escola e as estratégias de reprodução cultural e conservação social, em sua crítica ao mito.

As visões críticas rejeitam a idéia totalizante ou totalizadora de que, pela comunicação, tenha-se atingido um horizonte intransponível. O conceito de “comunicação-mundo” serve para a análise de novos espaços hierarquizados, entre eles, a relação da comunicação pedagógica que se estabelece na escola: “a lógica pesada das redes imprime sua dinâmica integradora, ao mesmo tempo que produz novas segregações, novas exclusões, novas disparidades” (Mattelart, 2005, p. 170). Especificamente a escola é considerada como uma instância privilegiada de ação comunicativa, mas tem seus profissionais privados socialmente e devotos de um modelo apresentado pelo arbitrário cultural. Esse trabalho de desvelamento, de desencantamento, de desmistificação não tem nada de encantador.

Entremesclando posições dessas novas interfaces produzidas pelo cenário mundializado e pela explosão de tecnologias percebe-se que o mundo ocidental está implodindo. McLuhan (1964, p. 17), quando discorre sobre os meios de comunicação, considerando-os como extensão do homem, infere que “estamos nos aproximando da fase final das extensões do homem” e que as tecnologias são meios de traduzir uma espécie de conhecimento. Para ele, que não viu a formação e o advento da internet, o que chamamos de “mecanização” é uma tradução da natureza, e de nossas próprias naturezas para formas ampliadas e especializadas.

Considerando sua análise na atualidade, na realidade tecnológica da consciência pela qual o processo criativo do conhecimento se estendeu, estende e estenderá coletiva e corporativamente a toda sociedade humana, através dos diversos meios e veículos, é de se indagar sobre esse novo padrão “introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (p. 21). Ou seja, criam-se papéis que devem ser desempenhados em novos espaços de trabalho e que refletem mudanças nas relações dos atores. Essa mudança, de forma integral e descentralizadora, é um processo real, pois pela mensagem de qualquer meio ou tecnologia é que se faz a mudança de escala, cadência ou padrão introduzida nas coisas humanas.

O processo mediado pela tecnologia em ambientes virtuais de aprendizagem e pela interação dos diversos atores caracteriza uma das discussões mais acirradas e crescentes no conceito escola, o uso das tecnologias da informação e da comunicação, TIC, tem demandado assim o surgimento de formas colaborativas.

Ocorre que nesses novos tempos da intensa presença das TIC nos processos de ensino através de mediação didático-pedagógica e da relação entre os diversos atores no processo, pelos ambientes virtuais de aprendizagem tanto da estrutura de sustentação

como de interação presencial e a distância expressam a razão de ser mediante seus componentes e uma estrutura de funcionalidade técnica e humana. As competências norteadoras, tanto gestionárias como pedagógicas, envolvem atores da escola em uma atmosfera plena de mudanças.

Sem dúvida, há questões que são fundamentais tanto na educação presencial como a distância para garantir que o aluno aprenda; esse é nosso objetivo. Asfixiar, por outro lado, pode acontecer quando, em um período onde ainda estamos aprendendo e ainda toda... todo o mundo, não é somente o Brasil, está lidando com situações profundamente desafiadoras, como a educação on-line, a possibilidade de orientar ou não, presencialmente ou a distância, como encontrar um equilíbrio para implantar e poder avaliar situações diferentes para grupos diferentes (Moran, 2009).

Este cenário revela novas formas de organização curricular, com requisitos necessários para o convívio e para o domínio de competências desenvolvidas por esses currículos e seus referenciais, a fim de trabalhar as TIC presentes exigidas em nosso cotidiano em ambientes que promovam uma autonomia responsável e uma prática colaborativa socializante e socializadora.

A inserção de metodologias inovadoras e mais socializantes de ensino e de trabalho propicia um diálogo necessário ao suporte das TIC. Isto pressupõe que um maior número de pessoas tenha acesso ao mundo do saber mediante as novas metodologias que possibilitam o desenvolvimento de habilidades e competências, dotando o indivíduo da capacidade de empreender, de se manter atualizado e se adaptar às necessidades do mundo moderno, competitivo, em uma área de mudanças constantes.

É tangível e sólida a idéia de que pelo uso da tecnologia torna-se visível, pelas experiências que a implementação de formas comunicacionais dão acesso ao conhecimento. O que é também visível nestas experiências que o desafio então consiste em analisar e apresentar propostas que refutem os vícios da educação tradicional, no que diz respeito a utilização de fórmulas prontas e que possam criar desafios para uma comunicação com características cognitivas ao usuário deste novo conceito de ensino.

Apesar das inúmeras vantagens das TIC, é preciso alertar para a necessidade do desenvolvimento de metodologias participativas, aprendizagens colaborativas e novos modelos de gestão nos quais o “outro” deixe de ser objeto das ações e passe a ser sujeito do processo de ensino e de aprendizagem, nas comunidades virtuais.

As inovações correm riscos sérios se forem obrigadas a se acomodar a exigências

contraditórias e a seus propósitos. Os paradigmas, segundo Kuhn (2000, apud Serra, 2007, p. 35), dão ocasião a que todos os fenômenos — exceção feita às anomalias — tenham um lugar (determinado pela teoria) no campo visual dos cientistas:

Ao aprender um paradigma, o cientista adquire ao mesmo tempo uma teoria, métodos e padrões científicos que usualmente compõem uma mistura inextricável. Por isso, quando os paradigmas mudam, ocorrem alterações significativas nos critérios que determinam a legitimidade, tanto dos problemas, como das soluções propostas.

Existe uma fina harmonia articulada entre paradigmas, teorias e fenômenos. Já que a rejeição de um paradigma pode ser ocasionada pela descoberta de um novo fenômeno, inexplicável pelas teorias que integram o paradigma vigente, isso acaba forjando uma nova teoria que visa explicar o dado fenômeno. Serra (2007, p. 36-37) esclarece:

Assim, não podemos pensar que as teorias que integram o paradigma são uma espécie de acessório de que o paradigma se poderia livrar sem qualquer consequência. Muito pelo contrário: são as teorias que servem de suporte ao paradigma. Quando essas teorias começam a titubear, a falhar na resposta às questões colocadas pelas “anomalias”, são não só as teorias que se aprofundam, mas também os próprios paradigmas.

Santos (2005, p. 5) destaca que os paradigmas socioculturais nascem, desenvolvem-se e morrem. Mas, ao contrário do que ocorre com os indivíduos, a morte de um dado paradigma traz dentro de si o paradigma que o sucederá:

A passagem entre paradigmas — a transição paradigmática [...] — só pode ser percorrida por um pensamento construído, ele próprio com economia de pilares e habituado a transformar silêncios, sussurros e ressaltos insignificantes em preciosos sinais de orientação.

Neste sentido, a seleção dos significados no discurso que a escola realiza pode estar definindo a cultura de um grupo ou classe, estabelecendo o sistema simbólico. O que também pode ocorrer nesta escolha de significados é simplesmente continuar atendendo, de maneira midiática, aos interesses e objetivos implícitos num currículo oficial de grupos ou classes dominantes em detrimento da formação para a cidadania.

Assim, para compreender as suas escolhas comunicativas, para utilização em ambientes virtuais no ensino não pode contentar-se em relacioná-las às condições do

conhecimento oficial; é preciso uma referência também global dos símbolos.

O exercício dos espaços possíveis, que propõe Bourdieu (2007, p. 64), poderia contribuir para esta necessidade da comunicação do ato pedagógico, transcendendo os agentes singulares, e funcionar como uma espécie de sistema de coordenadas, fazendo com que não se refiram uns aos outros de forma excludente, mas que possam criar espaços relacionais para provocar a ampliação do conhecimento.

A linguagem do professor na inserção de propostas em ambiente virtuais e os potenciais comunicativos dessa ação educativa precisam ser explorados, tanto quanto a formação do professor para esse ato comunicativo virtual, descobrindo e assumindo a complexidade desse processo pela interação simbólica, possibilitada pelos mais diversos meios. Herbert Blumer, em 1937, cria a expressão “interacionismo simbólico”, que está diretamente ligada à natureza simbólica da vida social. Esse mesmo autor, em 1969, interpreta essa expressão como nascida das atividades interativas, pressuposto mais presente quando se discute uma educação voltada para a utilização de TIC.

No entender de Blumer (1969, apud Mattelart, 2005, p. 138),

Os seres humanos agem em relação às coisas com base nas significações que elas têm para eles. [...] a significação dessas coisas deriva ou surge da interação social de um indivíduo com outros atores [...] e que essas significações são utilizadas em, e modificadas por meio de um processo de interpretação realizado pelo indivíduo em sua relação com as coisas que ele encontra.

Por isso há a necessidade de refletir e apresentar propostas para a escola, enquanto espaço comunicativo por excelência. Os modelos de comunicação repetidos por professores, muitas vezes avaliados pelos meios, não passam de práticas tradicionalistas, que são a expressão do conhecimento oficial, mesmo quando se utilizam tecnologias de ponta. Por um rigoroso verticalismo preconizado na organização escolar, o trabalho pedagógico comunicativo não tem a preocupação do uso do discurso na formação do professor, orientando-o a tomar consciência das palavras e dos seus sentidos, onde elas estejam, num tempo em que não há escassez de símbolos, não há nenhuma ordem, mas uma constelação de signos, uns ao lado dos outros, e que requerem interpretações próprias.

O caminho da comunicação nos espaços da escola passa, então, por comunicadores competentes, pois “quanto mais detalhada a informação, mais numerosos seus meios, tanto mais plural resulta a informação, mais numerosas as

interpretações” (Pross, 1989, p. 20).

Esse caminho comunicativo se alarga ainda mais quando levamos em conta os avanços das novas tecnologias, objeto deste trabalho, as quais provocam numerosas intervenções e requerem ainda mais atenção à formação do professor para o ato comunicativo na virtualidade, pois elas incidem no conjunto do processo, ao modificar e expandir as possibilidades comunicativas, ora substituindo-as, ora somando-as ao discurso.

Diante da inexorável presença da tecnologia, com seu progresso linear e contínuo, a comunicação em todas as suas especificidades assume lugar de referência e é utilizada como parâmetro da evolução da humanidade.

Reflexões sobre o conceito de presença e distância na utilização das TIC

Se hoje a escola convencional evidencia os problemas da comunicação reprodutora, ela também sofre e, cheia de visões contrastantes dos problemas de comunicação, é cobrada para expandir-se, avançar em suas possibilidades comunicativas, a fim de produzir o conhecimento pela transposição didática. E os meios estão aí, poderosos, com qualidade e em quantidade. A palavra falada foi com certeza a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-se de seu ambiente, referindo-se ao ambiente de um novo modo. Nesse trajeto, certos modos de relação entre conhecimento e sociedade enfraqueceram. A extensão do conhecimento pela palavra, enquanto extensão da consciência humana foi sendo enfraquecida pela velocidade da produção dos meios.

A tecnologia deflagrou uma dinâmica pela qual, quando nos colocamos nos meios criados, acabamos traduzindo nossas necessidades, nossas sensações, nos meios dos sistemas de informação. Sob as condições das tecnologias, todo pensamento, toda ação humana se transforma em conhecimento e aprendizagem simultaneamente.

É necessário ter cuidado com a introdução de conceitos equivocados, dissociados, sobre um novo espaço, os quais difundem a ideia de que entramos na era das sociedades do controle humano, como se a era da chamada sociedade da informação tivesse trazido à tona a educação mediada pelas TIC como outro espaço. Esta é uma ideia equivocada e passível de preocupação na análise desses elementos. Com certeza, a sociedade da informação é também a da produção de estados mentais. Por isso é preciso pensar de maneira diferente a questão do acesso ao conhecimento, quanto à liberdade e democracia presentes neste acesso.

Um dos modelos da superação da distância, que torna possível o espaço entre docentes e discentes, consiste na utilização das possibilidades midiáticas das TIC. Assim, compreende-se que a educação mediada pelas TIC pode ser analisada como a expansão da presença, que se realiza em espaços diferentes e em tempo real. Essa proximidade antes não cogitada é muito peculiar, mas necessariamente não pode ser excluída neste momento de avanço tecnológico sem precedentes.

A discussão entre diálogo, estrutura e autonomia pode estar sendo camuflada pela simples utilização dos meios, que, apesar de expansionistas da presença, não contemplam a interatividade e a ação dialógica das aprendizagens colaborativas.

Temos, portanto, quanto a formação de professores no Ensino Superior, desafios de superação de suas mazelas massificadoras e reducionistas, de um ensino precário e frágil diante dos campos de atuação, assim como o de seu acesso democrático. No ensino expositivo, o diálogo didático e o discurso científico não provocam o interesse exigido para os estudantes neste nível. Por outro lado, o uso excessivo da tecnologia torna o ensino neste nível demasiadamente deficitário quanto ao processo dialógico, sendo autodirecionado, autodirigido.

Se ensino constitui-se essencialmente pela integração dos diálogos didáticos, de projetos pedagógicos inovadores estruturados e provocativos para aprendizagens autônomas, não se pode, de antemão, classificá-lo como a mídiatização pelos meios, a não ser que se entenda tal mídiatização como constitutiva e expansora das possibilidades que contemplem o diálogo por excelência nos aspectos didáticos pedagógicos que explicitam, justificam a utilização dos meios e as concepções curriculares da utilização dos mesmos como propiciadoras dessa formação, que é, por excelência, humana e humanizadora.

Os sentidos da comunicação e da linguagem na estrutura da educação mediada pelas TIC

A internet está totalmente integrada aos sistemas e instrumentos da comunicação social mediada e se constitui tanto um suporte quanto um meio nesta área, se bem que apresente características distintas dos meios de comunicação de massa, como jornal ou televisão. Isso, porém, não a impede de funcionar como mediadora de informação e conhecimento, incorporando parte de outros meios pelas vias da tecnologia, atuando quase como o meio convergente, onde todos os outros se encontram. Quando vista

como suporte da informação, permite que os papéis de emissor e receptor praticamente se mesquem, numa rede simultânea e absolutamente inaudita em termos de mídia.

A partir de um considerável e notado avanço, a rede mundial de computadores passou a ter em si um dos suportes tecnológicos nunca vistos entre as TIC. Além de sua potencial e diferenciada mediação tecnológica e estrutural, ela reestrutura as bases do mundo do trabalho e das práticas sociais do homem e das suas relações, o qual passa a usufruir, pela capacidade criativa, científica, exploratória, de maneira mais profunda deste aparato tecnológico. Conectando o inconectável, aproximando o inaproximável, contempla e implementa diminuições perceptíveis das distâncias globais, ao mesmo tempo em que ajudou a transformar o papel moeda em dígitos, entre outros muitos rearranjos que provocou na nossa sociedade — talvez a principal tenha sido colaborar decisivamente para a transformação do computador: de uma máquina de cálculo em uma máquina de comunicação.

Proporcionou, de alguma maneira, enquanto meio de comunicação, a ampliação da exclusão informacional. Como toda nova etapa na história da humanidade, traz seus avanços, mas deixa aflorar também os ranços. Assim foi com a escrita, o mesmo com as navegações e todas as outras invenções que alteraram o curso da história.

Portanto, é um grande desafio compreender os subsídios que apontem um mínimo de embasamento para a análise dos sentidos da comunicação e da linguagem na estrutura da educação, assim como as potencialidades já usadas e as que ainda serão utilizadas e criadas a partir das redes, tendo como base o fato de a internet estar indiscutivelmente presente em nossas vidas. Com possibilidades de análises que se ampliam e ao mesmo tempo se perdem no sentido de dar sustentação muitas vezes. Mas, apesar das dificuldades, é possível iluminar a chance de se construir um agrupamento de pontos de reflexão que revele, com um pouco mais de clareza, por que os nossos parâmetros, as nossas referências de comunicação mudaram e estão em plena transformação com o advento da internet, a ponto de se restringir o sentido de comunicação, pensando-a midiaticizada.

Gomes (2009) igualmente busca entender e conciliar o que já estava fundamentado com essa nova forma de comunicação:

A base conceitual é... para que nós possamos entender se são importantes as aulas presenciais, ou não, é a seguinte: Entende-se o ensino a distância como um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que pode ser de massa e que substitui a interação pessoal

entre professor e aluno. Então, quando se coloca a base conceitual, a gente já elimina, na educação a distância, a interação pessoal entre professor e aluno, como algo determinante, típica de uma aula como meio primordial de ensino. Nós estamos substituindo por uma nova sistemática, completamente diversa daquelas que nós tínhamos nos encontros presenciais. Por uma ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e o apoio de uma organização e tutoria, proporcionando um aprendizado independente e flexível aos estudantes.

O homem moderno se percebe nos diferentes aspectos de vida cotidiana em experiências virtuais, onde ao mesmo tempo em que é um observador independente que apenas observa o mundo, também se torna um ator participando da realidade da interação mútua. Dessa forma, pode-se inferir que diferentes observadores farão diferentes observações, como se fossem modelos de comunicação gerando teorias da comunicação (Serra, 2007, p. 4-15).

Isso tudo para ampliar a visão do professor enquanto comunicador do conteúdo e de qualquer cidadão que se preocupa com a comunicação em relação ao que as TIC já representam no campo de diferentes modalidades comunicativas. As teorias escolhidas, além de serem devidamente exploradas em diversos estudos a respeito da comunicação, oferecem-nos caminhos mais seguros e elucidativos para esta conexão de áreas provoca, como novas bases conceituais e quebra de paradigmas através de conceitos que podem nos oferecer subsídios para uma compreensão mais ampla do tema, admitindo que a cibernética, como ciência, estuda todo o campo de controle e da comunicação, seja na máquina, seja no homem, por uma comunicação plurilateral. De acordo com Serra (2007, p. 106), aonde chegam a palavra e o poder de percepção do homem, estende-se também o controle e, num certo sentido, a existência física do homem, quase como uma ubiquidade.

Retomando uma ideia já apresentada anteriormente: admitimos aqui que as TIC são suporte, ou seja, um caminho, uma via, uma mediação da comunicação; no caso do Ensino, uma mediação da comunicação pedagógica com a qualidade de ser plurilateral. Isso não impede que as TIC sejam vistas também como meio de comunicação de massa, desde que se observe claramente que as TIC e todos os seus recursos e manifestações midiáticas não configuram propriamente a formação de um só meio, único em toda a sua configuração, como o são o rádio e o jornal impresso, por exemplo.

A nossa sociedade se encontra de tal forma capturada pela comunicação que, sós ou em grupo, tornamo-nos por assim dizer sujeitos a uma obrigação de comunicação,

em que as TIC assumiram um papel tão preponderante e decisivo que é quase impossível ignorá-las. Também se pode observar que o crescente caráter democrático das sociedades atuais requer o alargamento constante das trocas comunicativas, já que os processos de decisão cada dia mais se assentam no debate entre participantes e na troca de informações, na própria midiaticização.

O advento da comunicação de massa é uma característica constitutiva fundamental das sociedades modernas. Uma propriedade marcante dessa comunicação de massa está na codificação e fixação dos bens simbólicos como informação, que é armazenada, distribuída e decodificada pelos potenciais destinatários: “Essa transformação dos bens simbólicos em informação permite que eles se tornem indefinidamente reproduzíveis e sejam, assim, disponibilizados como mercadorias a uma massa indefinida de receptores” (Thompson, 1999, p. 143-144).

Percebe-se claramente uma clivagem entre a produção e a recepção dos bens simbólicos, porque os meios de comunicação de massa generalizam o processo cujo sentido vai do produtor aos receptores, o que implica uma indeterminação em relação às respostas destes. Importa destacar também que a comunicação de massa prolonga no tempo e no espaço a disponibilidade dos bens simbólicos, cuja circulação acaba se tornando pública, disponíveis a uma pluralidade indeterminada de receptores, desde, claro, que os indivíduos disponham de meios técnicos, capacidade e recursos para adquiri-los.

Martín-Barbero (2003, p. 55), ao falar de classe social, liga-a ao marxismo, à esquerda, que busca pensar o proletariado pelas relações de produção, que pensa as diferenças sociais a partir das diferenças de classes geradas na opressão que uma impõe à outra; ao falar de “massa”, associa-a a um pensamento político de direita desencadeado “sob os efeitos da industrialização capitalista sobre o quadro de vida das classes populares”. Busca, portanto, as origens do surgimento do conceito de massa (em lugar de povo), não na relação com o desenvolvimento tecnológico e com massificação da sociedade, mas na ideia formada de “uma maioria” em busca de condições igualitárias e que é capaz de “subordinar qualquer coisa ao bem-estar.” Com o nome de massa se designa pela primeira vez “um movimento que afeta a estrutura profunda da sociedade” e que tem poderes, justamente por se constituir da maioria, do grande número, de marcar as tendências políticas e culturais.

Nos finais do século XIX é que massa ganha uma conotação sobretudo negativa: algo meio irracional, que precisa ser controlado pela sua propensão à degradação da

sociedade. Percebia-se então a massa como que dotada de uma “alma coletiva” que faria com que os indivíduos se comportassem de maneira diversa ao seu modo individual para agir instintivamente, compulsivamente, não havendo mais um modo individual de pensar na massa, mas um agir coletivo sem inibições morais. Massa torna-se, assim, sinônimo de um proletariado que adentrou o mundo burguês, uma multidão irracional que precisa ser compreendida e principalmente controlada.

Ortega y Gasset (1930, apud Wolf, 1999, p. 10) apresenta uma reflexão sobre a “qualidade” do homem-massa que resultou da desintegração da elite:

Embora a ascensão das massas indique que a vida média se processa a um nível superior aos precedentes, as massas revelam, todavia, “um estado de espírito absurdo: preocupam-se apenas com o seu bem-estar e, ao mesmo tempo, não se sentem solidárias com as causas desse bem-estar”.

A presente análise remete à necessidade de reconhecimento das dimensões da comunicação e em quais destas dimensões as TIC se encaixam melhor. Uma das hipóteses é buscar compreender, dentro do fenômeno comunicacional, a distinção entre informação e comunicação e a caracterização de como e com quais características os projetos se vêm estruturando nesta modalidade.

Ainda nesta linha de raciocínio, Eco (1972, apud Wolf, 1999, p. 77) nos alerta que a Teoria da Informação

pode constituir um método para a investigação cada vez mais cuidadosa da forma de expressão sob seu aspecto de sinal físico, mas não pode ter mais do que um valor de orientação [...] para uma teoria comunicativa mais abrangente que só pode ser uma semiótica geral.

Pode-se, portanto, caracterizar que as TIC são componentes de um sistema que busca a integração e cumpre, por assim dizer, uma função de manutenção desse sistema, ajudando a reforçar os laços sociais através de uma linha um tanto libertadora de comunicação e da educação, que pressupõe uma interação colaborativa e integrativa.

Ao concluir, cumpre ressaltar que as dimensões são incalculáveis quanto ao uso das TIC, seja pela presença ou pela distância, permitindo as mais diferentes reflexões. Colocamos aqui apenas uma parte, a que se refere à comunicação pedagógica em ambientes virtuais, que pode estimular, em termos de análise e de conceitos, outros

tantos que virão a usufruir dela. São conceitos novos que necessitam de referenciais distintos, porém, complementares.

Recepcionando, então, a não linearidade das TIC como suporte midiático para a educação, o objetivo principal desta proposta é subsidiar um caminho para uma base conceitual da polifonia das TIC, em que os fragmentos apresentados vão se constituindo numa nova cultura da comunicação pedagógica no Ensino.

Considerações finais

Os questionamentos das hipóteses comprovam que os avanços e o sucesso não estão obrigatoriamente na virtualização do conteúdo, mas na mudança de paradigma e naturalmente na qualidade de ensino, num novo estilo de pedagogia integrada aos processos comunicacionais e mediado pelas tecnologias, os quais favorecem, ao mesmo tempo, os aprendizados personalizados e o aprendizado cooperativo em rede, a qual é colaborativa e interconectiva.

Outra questão importante é a constatação de que não há apenas uma maneira de desenvolver um modelo para a utilização das TIC, assim como não existe apenas um padrão para projetos pedagógicos dos cursos, projetos que vão depender também dos objetivos, da concepção pedagógica, da proposta de formação, do perfil do público-alvo, da tecnologia de mediação eleita e da abrangência da oferta. Igualmente é importante definir se o processo comunicativo para os objetivos pedagógicos vai trabalhar com ferramentas virtuais, numa atividade comunicativa e pedagógica diferente nos processos de ensino e aprendizagem, que demandam novas concepções do ato comunicativo.

Essa característica das TIC incorpora novos conceitos de interação, comunicação e processos dialógicos do fazer docente, e isso para todos os envolvidos, e precisa ser explorada pedagógica e comunicacionalmente. Essas são as características a serem assumidas na comunicação pedagógica que cria efetivamente um discurso pedagógico diferenciado que distancia o conceito de educação como simples transmissão de conhecimento e que agrega e integra novos diálogos e novas perspectivas educacionais.

O relacionamento entre pedagogia, tecnologia e comunicação precisa ser muito estreito, pela influência que um tem no outro. Esta pesquisa pôde verificar que, no período de 2005 até os dias atuais, no espaço virtual, a presença e o uso das tecnologias de comunicação trouxeram um cenário de amplas propostas para a concretização dos

objetivos de formação de professores, no que se refere ao uso das TIC na ação educativa.

A questão da comunicação e da informação apresenta-se como um desafio cheio de perplexidades que muitas vezes não respondem aos objetivos de inclusão social, contrariamente ao que se pretende com o acesso a localidades distantes de realidades excluídas dos benefícios do acesso. A relevância pedagógica do uso de AVA e outros recursos passam necessariamente pela compreensão das possibilidades de cada ferramenta do ambiente. Sendo assim, vemos a importância do conhecimento pedagógico para o especialista em TIC, como também a importância do conhecimento comunicativo e tecnológico para o responsável pela proposta pedagógica, e isto se torna notório e emergencial nos debates aqui analisados.

Estes dados levam a refletir que a universidade, na formação de profissionais da educação, ao tratar desta temática, está cumprindo sua função social e certamente abre o acesso ao conhecimento quando transmite, produz, interage e integra com o campo social, atendendo aos princípios curriculares de interdisciplinaridade e contextualização, mediada pelas tecnologias, e isto é enriquecido com a relação midiática ao incluí-las na cultura curricular formal, potencializando as relações, encurtando os espaços, estimulando a colaboração.

REFERENCIAIS

CEBRIÁN, J. L. **La red**. Cómo cambiaram nuestras vidas los medios de comunicación. Madrid: Taurus, 1999

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

GOMES, P. A. **Audiência pública da Comissão de Educação, Cultura e Esporte**. Instrução do projeto de lei do Senado nº 118 de 2004. Senado Federal, Brasília-DF, 6 maio 2009. Transcrição da gravação editada em DVD, obtida no acervo da Universidade Norte do Paraná

KIM, J. H. Cibernética, ciborgues e ciberespaços... **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun.2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003

MATTELART, A. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MORAN, J. M. **Polifonia na docência e aprendizagem on-line**. 7º Seminário Nacional de Educação a Distância (Senaed) – ABED, 23 a 31 maio 2009. Debate: Regulamentação do MEC para a EAD. Transcrição da gravação editada em DVD, obtida no acervo da Universidade Norte do Paraná.

ORTEGA, J. A. **La educación de adultos, hoy**. Granada: Fundación Educación y Futuro, 1993

PROSS, H. **La violência de los simbolos sociales**. Tradução de Vicente Romano. Barcelona, Anthopos, 1989.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Campus, 2002.

SANTOS, B. de S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SERRA, J. P. **Manual de teoria da comunicação**. Universidade da Beira Interior, Portugal, 2007. Disponível em: <www.labcom.ubi.pt>. Acesso em: 4 ago. 2009.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1968.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença Editorial, 1999.